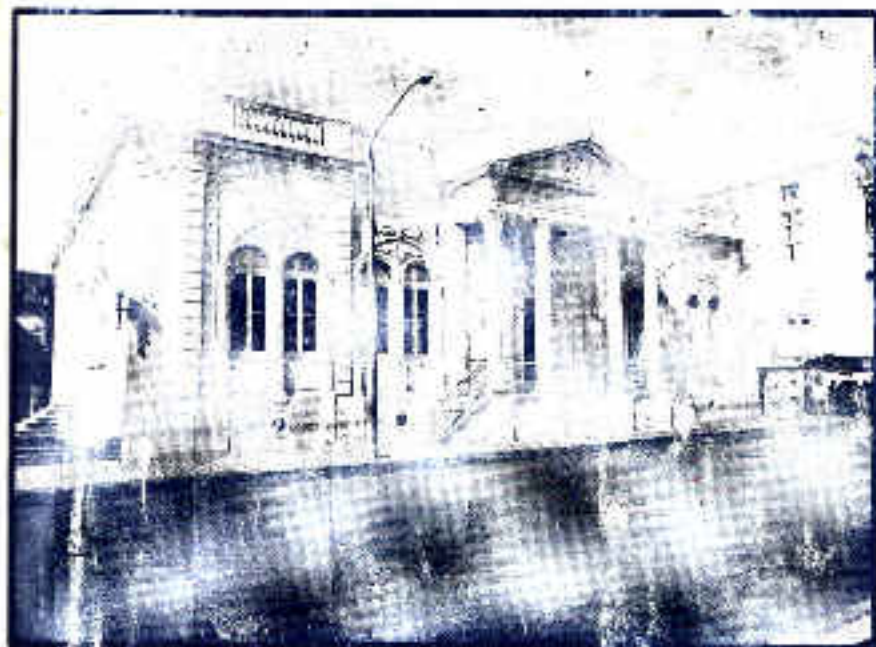


HISTÓRIA EM REVISTA



PUBLICAÇÃO DO NÚCLEO
DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA DA UFPel

Número 2 - 1996



Editora e Gráfica Universitária - UFPel

HISTÓRIA EM REVISTA

Núcleo de Documentação Histórica

UFPeI
Editora Universitária

Pelotas - Número 2 - 1996

Class:	<i>Revista</i>
Registro:	<i>585</i>
Data:	<i>24/03/97</i>
Docção:	<i>Publicação do Núcleo de Documentação Histórica da UFPeI</i>

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

COPYRIGHT © Núcleo de Documentação Histórica da UFPel

**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE PELOTAS**

Reitor:

Prof. Antonio Cesar Gonçalves
Borges

Vice-Reitor:

Prof. Daniel Souza Soares
Rassier

**Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-
Graduação:**

Prof. Alci Enimar Loock

**Pró-Reitor de Extensão e
Cultura:**

Prof. Francisco Elifaete
Xavier

Pró-Reitora Administrativa:

Prof. Inguelore Scheunemann
de Souza

Pró-Reitor de Graduação:

Prof. Paulo Roberto Soares de
Pinho

**Pró-Reitor de Planejamento e
Desenvolvimento:**

Bel. Antonio Leonel da Silva
Cunha

EDITORA UNIVERSITÁRIA

Diretor:

Jorn.Fernando de Oliveira Vieira

Gerente Operacional:

Bel. Manuel Antonio da Silva
Tavares

Planejamento Editorial:

José Hermínio Barbachã

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS**

Diretor:

Prof. Sidney Gonçalves Vieira -

Vice-Diretor:

Prof. Sebastião Peres

**Núcleo de Documentação
Histórica da UFPel**

Coordenação Administrativa:

Profª Cláudia Mauch

**Coordenadores de Linhas de
Pesquisas:**

**Quotidiano de Pelotas (e
Região Sul):**

Profª Fábio Vergara Cerqueira

Movimentos Populares:

Profª Beatriz Ana Loner

Antropologia:

Profª Flávia Maria Silva Rieth

Imigração e Gênero:

Profª Lorena Almeida Gill

Conselho Editorial:

Profª Lorena Almeida Gill

Profª Maria Leticia Mazzucchi
Ferreira

Técnicos Administrativos:

Alvim da Silva Jorge

Domingos Barreto Rodrigues

**Digitação, Composição e
Diagramação:**

Maru Lúcia Vasconcelos da
Costa

Ficha Catalográfica: Vera Ruth Machado Campelo

História em Revista. Pelotas: Instituto de Ciências Humanas: Núcleo
de Documentação Histórica/UFPel, n° 2, 1996, Semestral.

1. Ciências Humanas - Periódico. 2. História - Periódico.

CDD 905

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	07
II FORUM DE TEORIAS DA HISTÓRIA	
1. A SEXUALIDADE NO BRASIL COLONIAL	09
Luiz Mott	
2. CONSIDERAÇÕES ACERCA DO ESTATUTO DO TEXTO HISTÓRICO	29
Terrestocles Cezar	
3. O DIÁLOGO TENSO ENTRE PAUL VEYNE E MAX WEBER	47
Adhemar Lourenço da Silva Jr.	
PESQUISAS DO NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA DA UFPel	
1. O ASSENTAMENTO DA PALMA: a individualização do coletivo	65
Beatriz Ana Loner, Lorena Almeida Gill, Paulo Mattos, César Reis Gomes, Rodrigo Dias	
2. OS JUDEUS EM PELOTAS	85
Lorena Almeida Gill, Jairo Luis Fleck Falcão	
HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA	
1. CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DAS MENTALIDADES	97
Álvaro Moreira Hypólito	
2. O PODER ATRIBUÍDO À MÚSICA NO IMAGINÁRIO GREGO: SUAS MANIFESTAÇÕES E SUAS FUNDA- MENTAÇÕES CULTURAIS	107
Fábio Vergara Cerqueira	

3. FOTOGRAFIA E DOCUMENTO: DUPLICIDADE INALIENÁVEL	137
Francisca Michelin	
4. A INDÚSTRIA DE ENERGIA ELÉTRICA EM PELOTAS	149
Gunter Axt	
5. NO LIMITE DA VIDA? NOTAS SOBRE VELHICE E MORTE	175
Maria Leticia Mazucchi Ferreira	
6. O ENSINO DA HISTÓRIA: CONCEPÇÕES E METODOLOGIA	189
Paulo André Passos de Mattos	
7. O ESTUDO ARQUEOLÓGICO DO QUILOMBO DE PALMARES	201
Pedro Paulo A. Funari	
ENTREVISTA COM OTÁVIO BRANDÃO	209
RESENHAS	
1. Resenha do Livro de GENRO, Tarso. "Utopia possível"	255
Delamar José Volpato Dutra	
2. Resenha do Livro de Priore, Mary Del. "Festas e Utopias no Brasil Colonial"	261
Edgar Rodrigues Barbosa Neto	

APRESENTAÇÃO



O Núcleo de Documentação Histórica da UFPEL foi criado em março de 1990 tendo como propostas iniciais resgatar e conservar documentos relativos à própria instituição, bem como desenvolver acervo que tivesse como temática organizadora, o movimento operário na cidade de Pelotas. Passados seis anos de sua fundação, o Núcleo ampliou sua abrangência para outras linhas de investigação, contando atualmente com cinco pesquisadores vinculados ao Departamento de História e Antropologia, dois técnico-administrativos e alunos bolsistas, cujas pesquisas tematizam sobre o cotidiano, movimentos sociais, imigração e gênero.

A trajetória que vem trilhando o Núcleo de Documentação nessa sua recente existência mostra sua disposição em abrir-se aos mais variados objetos de investigação, às mais diferentes formas de abordagem do real, concebendo em seu interior profissionais de áreas diversas como historiadores e antropólogos num diálogo extremamente profícuo e contemporâneo que adquire visibilidade na revista que ora trazemos ao público.

uma obra de literatura, principalmente quando o seu objetivo é buscar elementos que possibilitem uma melhor compreensão de um dado período da história.

A estas, somam-se, inúmeras outras possibilidades de trabalho no ensino de história, pois ainda podem ser utilizados vídeos, pesquisas orais sobre história de vida, análises iconográficas etc., mas estes recursos, ainda pouco explorados, de nada adiantarão, se não houver por parte do profissional uma postura de valorização de seu trabalho, questionando-se sobre a sua atuação, sua concepção de História e do ensino.

Este artigo teve por objetivo, não somente levantar uma reflexão sobre o ensino de História mas também de discutir algumas alternativas para o trabalho desta disciplina. Os exemplos analisados acima não respondem as indagações e preocupações dos profissionais desta área, mas espera-se que sirva, pelo menos, para apontar alguns caminhos e possibilite um debate mais consequente sobre esta área de conhecimento.

O ESTUDO ARQUEOLÓGICO DO QUILOMBO DOS PALMARES

PEDRO PAULO A. FUNARI
(DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, IFCH, UNICAMP)

A ARQUEOLOGIA HISTÓRICA E SEUS OBJETIVOS

A Arqueologia Histórica é um desenvolvimento recente no interior da Arqueologia. Não há, no momento, um consenso sobre uma definição que seja aceita universalmente. Qualquer que seja a posição que adotemos, contudo, a principal questão relativa à Arqueologia de qualquer período histórico consiste na complexa relação entre os documentos escritos e a cultura material. Esta última é usada por diferentes agentes sociais para controlar e resistir ao poder (Little 1988:287) e, como consequência, o estudo do registro não escrito permite-nos buscar os segmentos negligenciados da sociedade, tal como os pobres, os indígenas ou os escravos (Rubertone 1989:32). Usando, ao mesmo tempo, documentos escritos e não escritos, a Arqueologia Histórica visa resgatar a voz ativa das maiorias silenciosas (Beaudry, Cook & Mrozowski 1991:175) e pode, portanto, ser descrita como "uma das mais democráticas das Ciências Sociais" (Deagan 1991:110).

Uma abordagem pós-processual, contextual ou crítica, permitiu que os arqueólogos pudessem ler o sentido profundo dos textos, escritos ou não (Austin & Thomas 1990:45; Little & Shackle 1992:4). Foi possível, dessa maneira, deslocar a atenção, originalmente

centrada na cultura material da elite, para aquela do povo (Orser 1988:314) e tratar de questões relativas ao racismo (Orser 1990:6), etnicidade, gênero e opressão.

PALMARES: O QUILOMBO E SUAS LEITURAS

É no contexto da moderna Arqueologia Histórica que é possível repensar o maior e mais eficaz quilombo das Américas. Grupos de escravos fugidos assentaram-se nas matas, há cerca de sessenta quilômetros das fazendas nordestinas, no início do século XVII. A primeira expedição contra o quilombo foi enviada já em 1612. Palmares cresceu continuamente a ponto de ser considerado um "perigo muito sério" pelos holandeses. Lintz descreve uma grande aldeia na Serra da Barriga, enquanto Baro refere-se a seis mil pessoas em Palmares, em 1644. Documentos portugueses mencionam duas mil casas na aldeia fortificada, em 1675, e dois anos depois o estado rebelde é descrito como englobando mais de sessenta léguas, com dez aldeias. O rei moderado Ganga Zumba foi morto por seu sobrinho Zumbi que, desconfiado dos desejos de paz dos portugueses, preferiu adotar uma estratégia guerreira, em 1678. O bandeirante Domingos Jorge Velho foi encarregado de destruir o quilombo. Os bandeirantes conquistaram o acampamento principal e capturaram cerca de cinco mil pessoas, em 1694. Zumbi foi preso e executado em 20 de novembro de 1695 (cf. Orser 1992, com fontes e bibliografia).

No seu auge, Palmares pode ter tido uma população entre dez e vinte mil habitantes, tornando-o um importante Estado fora do controle das autoridades coloniais. Este Estado foi descrito pelos europeus como

uma República, termo usado, na época, para referir-se a qualquer tipo de Estado. A palavra *ambundo ma-kambo*, "esconderijo", também era utilizada. Os palmarinos preferiam *Angola janga*, "Angolinha". No final do século XVII, há a primeira referência a *ki-lumbo* (ca. 1691, Keul (1979:181) concluiu que "Palmares não surgiu de uma estrutura social única. Era, ao contrário, um sistema político africano que governava uma sociedade plural". Schwartz (1987:85) associava, estreitamente, a sociedade militar angolana *ki-lombo* e seu correlato americano. Entretanto, o africanista Joseph C. Miller (1976 *passim*), na sua monografia sobre os mbundu, descreve o *kilombo ovimbundu* como um tipo de sociedade guerreira muito específica e o *kilombo imbangala* como uma fraternidade guerreira única. O uso do mesmo termo no Novo Mundo não poderia, portanto, referir-se ao mesmo tipo de sociedade.

Outra questão espinhosa consiste na identidade tribal, na África, e sua continuidade, ou não, nas Américas. Há um consenso que a maioria dos escravos vinha de Angola e que traziam consigo algumas características comuns aos povos hántus, da tecnologia à divisão sexual do trabalho (Gwete 1991:70;89). É mesmo possível supor que traços culturais gerais africanos, como seu caráter gregário (Reis 1993:13), tenham prevalecido. Tradicionalmente, aceitava-se que havia uma pluralidade de grupos étnicos na África e que, como consequência, havia uma grande diversidade de traços culturais étnicos no Novo Mundo. Os documentos históricos muitas vezes fazem menção a tribos diversas (Hansen 1989:177) e embora a etnicidade da população

escrava seja difícil de determinar, é provável que ela fosse composta de uma mistura de diferentes grupos (DeCorse 1992: 168).

A História colonial da África, em seus inícios, também é passível de controvérsia. Thornton (1992:125) desafiou a visão tradicional e propôs que "a participação africana no tráfico de escravos era voluntária e sob o controle dos próprios africanos". Infelizmente, a opinião de Jack Goody (1963:15), datada de três décadas atrás, continua válida: "todos concordariam que... houve uma mudança de estados pequenos e acéfalos para estados maiores e centralizados. Fora isso, não há consenso". A cultura material da África do início do período colonial é praticamente desconhecida (Posnansky & DeCorse 1986:10), tornando difícil a comparação com o material quilombola das Américas.

O número de mulheres trazidas da África não era grande (Klein 1989:11) e os documentos referem-se à presença de índios em Palmares e devemos aceitar que os indígenas eram parceiros comerciais e fornecedores de tecnologia (cerâmica, processamento da mandioca etc; Price 1979:12). Orser (1994:13) propõe que se considere Palmares um "mosaico cultural", com africanos, indígenas e colonos portugueses e holandeses. Aceitando esta interpretação (Funari 1991), os arqueólogos enfrentam alguns problemas difíceis. Christopher DeCorse (1989:137-8) estudou a cultura material dos Limbas, Yalungas e Kurangos e ficou chocado com o fato que "os sítios Yalungas e Kurangos têm mais em comum com os assentamentos Limbas do que com aqueles dos grupos Muande, mais ligados a eles". Portanto, não há uma relação direta entre traços culturais comuns e etnicidade. Em 1991, o Dr. Charles F. Orser

Jr e o autor decidiram propor um projeto arqueológico para Palmares. Efetuamos duas etapas de campo, em 1992 e 1993, visando prospectar a capital do quilombo, na Serra da Barriga. O trabalho arqueológico foi possível graças o apoio do Núcleo de Estudos Afro Brasileiros da UFAL e de seu diretor, Zezito de Araújo.

Localizamos mais de dez sítios e milhares de artefatos foram coletados. Fizemos alguns testes e demonstramos a grande variabilidade na cerâmica encontrada na Serra da Barriga (Orser & Funari 1992). A análise preliminar do material sugere que os povos indígenas tiveram um grande impacto em Palmares mas, pelo momento, não está claro seu significado concreto. Embora estejamos apenas começando o trabalho arqueológico em Palmares, não há dúvida que a principal questão arqueológica refere-se à etnicidade e à cultura material. Terence W. Epperson (1990:36) estava certo quando enfatizou que os dois objetivos da valorização da cultura Afro-Americana de resistência e a desnaturalização das categorias raciais essencialistas não são antitéticas, mas essenciais se buscamos criar uma ordem social mais humana. Em Palmares, devemos nos referir à resistência de Africanos, indígenas e europeus pobres e o estudo desta multi-etnicidade é, precisamente, nosso principal desafio. É um desafio por duas razões diferentes. Em primeiro lugar, a etnicidade não é um fato constatável, mas um conceito. Em segundo lugar, as relações entre a cultura material e a identidade étnica não é direta, mas mediada e complexa. Se estes são os desafios, apenas os contínuos esforços de pesquisa nestes ricos sítios arqueológicos permitirão tratar destas

questões a partir, contudo, de um conjunto particularmente fértil de evidências.

AGRADECIMENTOS:

Devo agradecer aos seguintes colegas e instituições: Zezito de Araújo, Christopher R. DeCorse, Barbara Little, Charles E. Orser, João José Reis, Paul A. Shackel. *Illinois State University, National Science Foundation, National Geographic Society, NEAB-UFAL e Museu Théó Brandão.* A responsabilidade pelas idéias recai apenas no autor.

REFERÊNCIAS

- Austin, D. & Thomas, J. 1990 The "proper study" of medieval archaeology: a case study, in D. Austin & J. Alcock (eds), *From the Baltic to the Black Sea. Studies in Medieval Archaeology*. London, Unwin Hyman, 44-78.
- Beaudry, M.C., Cook, L.J. & Mruzowski, S.A. 1991 Artifacts and active voices: material culture as social discourse, in R. Paynter & R. McGuire (eds), *The Archaeology of Inequality*. Oxford, Blackwell, 150-191.
- Deagan, K. 1991 Historical Archaeology's contribution to our understanding of early America, in L. Falk (ed), *Historical Archaeology in Global Perspective*, Washington, 97-112.
- DeCorse, C.R. 1989 Material aspects of Limbe, Yalunka and Kuranko ethnicity: archaeological research in North-East Sierra Leone, in S. Shenann (ed), *Archaeological approaches to cultural identity*, London, Unwin Hyman, 125-140.
- DeCorse, C.R. 1992 Culture contact, continuity, and change on the Gold Coast, AD 1400-1900, *The African Archaeological Review*, 10, 159-192.
- Deetz, J. 1991 Archaeological evidence of 16th and 17th century encounters, in L. Falk (ed), *Historical Archaeology in Global Perspective*. Washington, Smithsonian Institution Press, 1-10.
- Epperson, T.W. 1990 Race and the disciplines of the Plantation, *Historical Archaeology*, 24,4, 29-36.
- Ferguson, L. 1991 Struggling with pots in colonial South Carolina, in R. Paynter & R. McGuire, *The Archaeology of Inequality*, Oxford, Blackwell, 28-39.
- Funari, P.P.A. 1991 A Arqueologia e a cultura africana nas Américas, *Estudos Ibero-Americanos*, 17,2, 61-71.
- Goody, J. 1963 Feudalismo in África? *Journal of African History*, 4, 1-18.
- Gwete, L. 1991 Maitrise des milieux, technologies, in T. Obenga & S. Soumoudoula (ed), *Racines Rantons*, Libreville, Cieiba, 67-97.

- Hall, J.R. 1991 The patrimonial dynamic in Colonial Brazil, in R. Graham (ed), *Brazil and the World System*, Austin, University of Texas Press, 57-88.
- Hall, M. n.d. Small things and the mobile, conflictual fusion of power, fear, and desire, in A.B. Yezzi & M.C. Beaudry (eds), *The Art and Mystery of Historical Archaeology. Essays in Honor of J. Deetz*, Boston, 373-398.
- Hunsem, J.A. 1989 Malhado ou Malhadiço. A escravidão na sídera barroca, *Revista de História*, 120, 163-181.
- Kent, R.K. 1979 Palmares: an African state in Brazil, in R. Price (ed), *Maroon societies: rebel slave communities in the Americas*, Baltimore, John Hopkins University Press, 170-190.
- Klein, H.S. 1989 Novas interpretações do tráfico de escravos do Atlântico, *Revista de História*, 120, 3-25.
- Little, B.J. & Shackel, P.A. 1992 Introduction, in B. Little & P.A. Shackel (eds), *Meanings and Uses of Material Culture, Historical Archaeology*, 26,3, 1-11.
- Little, B.J. 1988 Craft and culture change in the 18th. century Chesapeake, in M.P. Leone & P.B. Potter, Jr. (eds), *The Recovery of Meaning*, Washington, Smithsonian Institution Press, 263-292.
- Miller, J. 1976 *Kings and Kinsmen, Early Mbundu states in Angola*. Oxford, Clarendon.
- Orser, C.E. & Funari, P.P.A. 1997 Pesquisa arqueológica inicial em Palmares, *Estudos Ibero-Americanos*, 18,2, 53-69.
- Orser, C.E. 1988 Toward a Theory of Power for Historical Archaeology. Plantation and Space, in M.P. Leone & P.P. Potter, Jr. (eds), *The Recovery of Meaning: Historical Archaeology in the Eastern United States*, Washington, Smithsonian Institution Press, 313-343.
- Orser, C.E. 1990 Historical Archaeology on Southern Plantations and Farms: Introduction, *Historical Archaeology*, 24,4, 1-6.
- Orser, C.E. 1992 *In search of Zumbi*. Normal, Illinois State University.
- Orser, C.E. 1994 Toward a global historical archaeology: an example from Brazil, *Historical Archaeology*, 28,1, 5-22.
- Posnansky, M. & DeCorse, R. 1986 Historical Archaeology in Sub-Saharan Africa, a review, *Historical Archaeology*, 20,1, 1-14.
- Price, J.M. 1991 Credit in the slave trade and plantation economies, in B.L. Solow (ed), *Slavery and the rise of the Atlantic system*, Cambridge, Cambridge University Press, 293-340.
- Price, R. 1979 Introduction, Maroons and their communities, in R. Price (ed), *Maroon societies*, Baltimore, John Hopkins University Press, 1-34.
- Reis, J.J. 1993 A greve negra de 1857 na Bahia, *Revista da Universidade de São Paulo*, 18, 6-30.
- Rubertone, P.E. 1989 Archaeology, colonialism, and 17th century Native America: towards an alternative interpretation, in R. Layton (ed), *Conflict in the Archaeology of Living Traditions*, London, Unwin Hyman, 32-45.

Schwartz, S.B. 1979 The mocambo: slave resistance in colonial Bahia, in R. Price (ed), *Maroon societies*, Baltimore. John Hopkins University Press, 202-226.

Schwartz, S.B. 1987 Mocambos, quilombos e Palmares: a resistência escrava no Brasil colonial, *Estudos Econômicos*, 17, 61-68.

Thornton, J. 1992 *Africa and Africans in the making of the Atlantic World, 1400-1680*. Cambridge, Cambridge University Press.